

# A REPUBLICA

BIBLIOTECA

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO  
do Rio Grande do Norte

ORGAN DO PARTIDO REPUBLICANO

Redactor-chefe—Pr. Pedro Velho

ASSIGNATURAS  
para dentro da provincia por  
um—5:000rs. Para fora doToda a correspondencia  
ser dirigida á rua de  
de de Uruguay n.º 5Instituto Histórico e  
Geográfico do Rio  
Grande do Norte

Natal—segunda-feira, 1.º de Julho de 1898

## A REPUBLICA

### PELA PATRIA

A «Republica», órgão do partido nacional ou anti-monarchico nesta provincia, tem por missão essencial difundir e propagar as ideias que o seu titulo synthetisa. Entretanto a batalha que, com as armas da razão, vamos empenhar contra a realoza corrompida e corruptora não nos fará esquecer quaes as necessidades e os males desta terra infeliz, para dizel-os sincera e lealmente aos nossos comprouvianos; e isto será um novo e grande estímulo para levantar o espirito publico que ignora, o que se não tem procurado esclarecer, emancipando-o de preconceitos vãos e perniciosas influencias. Cada um deve combater a realoza de dentro e não de fora nos seus direitos.

Havemos de fazer destas modestas colunas não o vehiculo de paixões e diuisões, mas a tribuna onde o partido tenha pensar alto, para ser ouvido e julgado pelo povo.

Através da forma menos brilhante, de phrase mais tosca e illetrada ha de sempre transparecer aqui, como o nosso destino unico e jamais desmentido e certeza das justas e nobres esperanças de um futuro melhor—o bem publico, tal qual que se traduz no mais completo desenvolvimento do progresso, a somma protectora da liberdade e da paz.

Ardua empreza para tão fracas forças; mas a consciencia recta do ignorante, vale mais que a razão culta a que não alia, robustecendo-a, a dignidade o caracter, e isto nos alenta.

A causa sagrada da patria brasileira, entraheado amor pelo pobre mas esquecido terrão que nos servio de berço, eis o nosso programma; aquella nós encaramos como todos os bons espiritos desinteressados e patrioticos na oppoenda republicana, este só o podemos afirmar pela conquista infatigável do nosso bemestar.

Vamos pugnar pelo povo e pela nação.

O instincto da igualdade é o movel e a aspiração que encaderna e dirige to

do o drama historico da humanidade, e esta sublime conquista não será feita sem a luta constante contra todas as tyrannias, todos os privilegios, todas as excepções odiosas e injustas, que dividem os homens em um pequeno grupo de favoritos e n'uma immensa turba de infelizes.

De todos os privilegios o mais humilhante, o mais pernicioso é a realoza hereditaria e irresponsavel; contra ella estremece em assomos da mais digna e justificada revolta a opinião causada e desilludida; e entre a dynastia e a nação a escolha não é difficil nem para hesitações.

Pela patria! Eis o nosso compromisso; para o cumprimento deste cargo temos um só recurso—dizer a verdade inteira, clara e lealmente.

### OS VELHOS PARTIDOS

O povo, a imprensa, o parlamento, o conselho de estado—nem que estivessem combinados—concordarão todos em que o gabinete 10 de março estava completamente imprestavel.

O imperador chamou a Petropolis diversos chefes conservadores; e, depois de convencido, ou fingindo convercer-se, de que o partido que tinha subido em 85, muito certo de que havia de governar pelo menos uns 200 annos, já não dava nada de si, decorridos apenas tres magnas sessões parlamentares, convidou o velho da Fejuca a uma palestra na qual este lhe disse, com a lealdade que o caracteriza, o que pensava da situação.

O resultado de toda esta contradanza, seria acima serra abaixo, e estar hoje no poleiro o Sr. Visconde de Ouro Preto. Está salva a patria e principalmente a dynastia prometteo o illustre senador mineiro; vai tudo a garra, o throno inclusive, gritando os conservadores.

E' para votar que o presidente do senado, o homem da indemnisação não foi convidado a caraquear no povo. Era natural; enquanto não riscar de sua bandeira aquella palavra odiosa e anti-

pathica, convença-se a. ex., nem corôa, nem povo, nem o seu proprio partido o quer para governo. A indemnisação é um sebastianismo que já não mette medo nem aos maos simplorios, mas ninguem ouve fallar nelle sem repugancia.

O alto posto a que foi elevado o sr. Paulino de Souza pelos senadores seus collegas foi apenas uma pirraça, um ensino ao sr. João Alfredo; nem era preciso aquillo para apressar a queda inevitavel do misero ministerio; bastava a camara para dar cabo delle.

O sr. Alfredo realmente não deo conta do recado. Cahio desprestigiado, e por culpa sua.

A principio viveo sob o falso prestimo da abolição, aureolado pelo brilho prestado do 13 de maio. Em verdade

o sr. Alfredo não deo conta do recado. Cahio desprestigiado, e por culpa sua.

para a solução da questão servil, o ministerio vegetou nullo e inglorio até o lousino, que se lhe apegou ás carnes como uma lepra. A opinião enojada enxotou-o.

As indicições do presidente do conselho mostravao que elle não tinha pulso para grandes couzas, e deixarao patente que a abolição fela como o faria qualquer naquelle momento; o que era absurdo e impossivel era deixardo fazel-a.

No 1.º dia fez a abolição, nos outros, até esbir, não fez mais nada. A ultima falla do throno, a dos bispos, ja não foi tomada a serio.

A attitude do ministerio João Alfredo perante o movimento republicano começou pela pedanteria inepta do cresça e appareça, e terminou na mais odiosa e vil das instituições—a guarda assassina—onde se apontava aos pobres libertos inconscientes, salidos do captiveiro com a alma ainda ensombreada pela ignorancia deprimente das senzalas, o peito de seus verdadeiros libertadores, para que lhes fizessem pontaria em nome da corôa.

O primeiro ministro afagou e protegeo criminosamente o mais pernicioso elemento do desordem que podia surgir no seio da nossa sociedade; disse aos libertos que se armassem contra o povo para garantir o throno que lhes dava a liberdade. Uma insensatez é uma insensatez.

O throno tambem foi cobarde e perfido: cobarde porque sentindo fugir-lhe o apoio na consciencia nacional, foi buscar arrimo no odio de raças, explorando a ingenua simplicidade dos infelizes negros; perfido porque preparou e consentio o morticínio de 30 de dezembro, apresentando aquella infame tragedia como as consequências e os echos dos applausos de 13 de maio.

O ministerio 10 de março, que acaba felizmente de sair-se na valla commun, perdeu todo direito ao respeito publico, logo que a sua inepcia creou a guarda negra.

Começarão a chamar, certamente por chalaça, myssias ao sr. João Alfredo, e o ingenuo julgou-se realmente um grande homem, embora o sr. Cotegipe não o levasse em conta e o sr. Paulino lhe mandasse dizer todos os dias que elle era de uma incapacidade lamentavel.

Em resumo no inventario do gabinete cahido, arrancados-se-lhe os galões falsos de abolicionista da ultima hora, restão apenas os Loyos, a guarda negra, a expedição de Matto Grosso, as facilidades e larguezas immigratorias do sr. Prado dos *novos horizontes e dos curupéis da realza*, um perfeito conhecimento do grande tratado de

o melhor meio de salvar a patria.

Afinal forão se estes: em boa hora e ha mais tempo!

Sobem agora os liberaes com o sr. Affonso Celso, boje Ouro Preto. O liberalismo monarchico tem matizes mais variados que o pyrrico; cada um pensa a seu geito e a seu modo, julgando-se o mais avisado. Agora, diante do adversario muribundo, arranjaram uma bonita bandeira, flamejante de promessas (algumas mentosas); mas em todo caso fizeram ouvidos de mercador a pobre da *federacão*, que os tinha envolvido no momento da queda, como um vistoso manto de gl. deador que sucumbem, exalando o derradeiro suspiro pela liberdade, e que grita, para subir e governar, para o que ja não lhes convem. O porque desta contradição elles não dizem, mas todos o sabemos: não ha quem não esteja convencido de que, feita a fed. ração das provincias, foi um dia o 3º reinado. Afinal a palavra está ficando uma especie de espantallo. De se *independencia da administração local, autonomia do municipio, franquias provinciales*, permittiu-se a eleição nos presidentes, para afinal só ser presidente quem o imperador quizer etc; mas *federacão* propriamente, afura o Sr. Ruy Barbosa, e sr. Saraiva e mais alguns poucos, os liberaes mandão-lhe recado de longe.

A gente vê essas couzas e vai desanimando. Só promessas e mais promessas, no fim *comme les autres*.

Eximios fazedores de programmas, os liberaes pretendem provar que o republicanismo — hoje o unico e derradeiro reducto da democracia brasileira — não tem razão de ser depois que elles nos felicitarem com as reformas que vão levar a cabo. Apenas nos deixarão o trambolho do throno, gratos que são ao Bragança amigo, hoje retemperado pelo *sangue generoso* do Orleans; no mais largas vistas em todos os ramos da publica governação.

O paiz conhece-os e sorri simi-descrente e desconfiado da magnifica esmola.

Vão começar, dizem, pela reforma eleitoral. Querem que vote todo cidadão que não assigne de cruz e que *tenha uma profissão licita*.

Isto vai talvez elevar a uma somma espantosa o numero dos sujeitos que o governo paternalmente ha de considerar vagabundos.

Emfim temos tempo de observar-os e julgar-os; esperemos.

Se forem effectivamente democratas, com a lacuna unica de aceitarem a *monastia* e o throno, nós lhes faremos

plena de reunião; se, em vez de ajudar o estado a igreja, souberem marcar com seriedade o lugar de cada um dos poderes, para decoro e respeito de ambos; se forem sinceros e leaes, sem filiotismo, sem captulações, onde a ideia liberal deixa-se muitas vezes ficar a quem do mais obstinado conservantismo, nós desta modesta tribuna, d'onde não sahirá jamais nem intriga nem calumnia, não lhes negaremos louvores quando os merecerem. Entretanto não esperamos que sejam leizes; viverão pouco e hão de cabir completamente desilludidos. Ser liberal as direitas com o imperador é impossivel; com a filha e o genro isso então será o mais absurdo contracenso; e assim, ou os liberaes mentem a sua missão, nullificando se, ou fatal e necessariamente hão de vir indagar nas nossas fileiras, como ja estão vindo os proprios conservadores.

Nós os vemos agora subir muito monarchistas, haviamos de vel os cabir muitissimo republicanos. E' o destino da nação inteira.

## HORISONTES TURVOS

(A POLITICA NA PROVINCIA)

Temos imminente na velha e desconjuntada maquina dos nossos partidos

constitucionaes uma grande tempestade. Todos o sabem; ja não se pode evitar, nem remediar o choque inevitavel.

Será a luta honrada e ferocida principios, será a batalha augusta ideias o que vamos assistir? Parece não.

E' um formigar de interesses e peitos mal comprimidos, pretensões vaidades, preterições injustas, uns exigem outros que não cedam, plus capitulações e conchavos, alianças bridas, uniões surprehenderes — arena perigosa d'onde raro se saem limpamente os combatentes.

Tudo isto deve levar ao desgosto pelas lutas politicas, e se taes scenas o achão o correctivo que merecem — o fastamento dos espiritos sinceros — que o povo não sabe a verdade e a lha devem em sua honra dizer inteiramente franca aquelles que pretendem enganar-o.

Se a comprehensão do que vale a berania popular estresse já as consciencias dos cidadãos, estes havião de pôr que os respeitassem, respectando primeiro a si mesmos os bons e q. tem vida publica. Mas a indifferença pathica e a ignorancia calculadamente mantida e explorada é o que vem com sincero pesar.

Não se oppelle nunca para o bem a generoso do homem, e se temado-lhe ao espirito a luz, crissencia das ideias, pelo contrario espanta o seu lado fraco, o seu interesse, trambolha a dignidade e rebaixando-o em de erguel-o.

No meio desta quadra tão fatal a brico da nação, fazemos um apograde aos nossos correligionarios: não entramos apenas ao mar revolto da politica. Nada pedimos, nada temos q. dar; sejamos serios e dignos, para basta ter cada um sempre presente viva dentro d'alma a imagem da patria que sofre e que espera.

O povo brasileiro é bom e progressista; tem-se procurado corromper, tem-se feito tudo menos aquilo que seria a sua felicidade. Sobretudo a *ignorancia* e a *stolididade*; este é o mal.

## RUY BARBOZA

Como vem perto de nós este formido e profundissimo talento! Prezado da por laços do generosidade mais q. de convicção ao desejo de salvar o throno, e por outro lado fortemente desilludido com o ideal democratico, Ruy Barbosa aproxima-se a passos largos da republica, vendo dissipar-se uma parte das suas esperanças de reconciliação entre a dynastia e o povo.

Enquanto o sr. Nabuco, alienando das sympathias populares, permanece tristemente immovel, n'um monarchismo emperrado, esquecido do povo, do voltado para o throno, Ruy Barbosa, mais patriota vai compreendendo antagonismo os interesses oppostos e reconciliaveis que cada dia tendem a stanciar da corôa a causa nacional.

Dentro daquelle grande espirito não logar para transigencias nem capitulações.

O imperador recebe com applauso a dicação do seu nome para ministro. Notava talvez que a sombra da mancha imperial abatesse a altivez do novel publicista, transformando-o como os outros em submisso executor dos seus caprichos, vendida a consciencia a honra de uma pasta. Sabemos no esta foi devolvida e os nobres moços que fundamentarão a recusa.

Se Ruy Barbosa tem por si, como se irma, o honrado senador bahiano, o bo Saraiva, tão simples, tão serio, pode dizer que o partido liberal está esentado por esses dous grandes es—uma illustração que enche de alho a nação inteira, e um caracter de todo paz respeito e venera, como um modelo de lealdade no meio das grandes corrupções e das grandes misérias politicas do Brazil.

O sr. visconde de Ouro Preto vai arrependido e ha de arrepende-se. Sôbe matetado pelos interesses do imperialismo, submisso a imposições palacianas que convergonhão a já desvirtuada bancira do partido liberal.

O ministerio é uma não do peço. Leva na praça a figura ornamental e brillante de um bello talento, que sabe dizer cousas agradaveis e seria capaz de fazer cousas uteis se quizesse. (infelizmente não soube querer); mas o lustro cortezão; sente-se por sob promessas vazias a garra adunca e traçoira do 3º reinado, insinuando-se subtilmente para apulgar a preza, tentando todos os meios até os mais perfidos e mais criminosos para firmar sobre a cerviz da nação desrespeitada e abatida o tacão da bota do detestavel Orleans e a impudencia perigosa de Isabel.

É por isso que Ruy Barbosa, na mais esta indignação, chamou a este ministerio um desengano aulico de ultimas esperanças liberaes do povo. E como não serem levados afinal todos os espiritos a refugiar seus brios no campo republicano? O eloquente escriptor com espirito que tem, incapaz de se de xar influenciar por outro moel que não seja o patriotismo, ha de ser dos nossos em breve.

O ministerio que hoje nos governa parece ser um instrumento do imperio

contra a nação. E coube aos liberaes este papel como isto é desconsolador e triste!

Digão o que disserem a ambição do poder disputado entre liberaes e conservadores é hoje um accidente secundario na nossa existencia politica; o que está evidentemente em scena é a luta entre a dynastia e a nação.

O «Diario de Noticias» apresenta como o pensamento que hoje professa com uma energia irreductivel o Cons. Saraiva isto que vamos transcrever:

«A federação sem reservas. O partido liberal não deve aceitar o poder senão para alterar as nossas instituições organicas de tal arte, que fiquem apparelhadas para servir á monarchia ou á republica, se esta se realizar amanhã pela vontade soberana da nação. As aspirações justas do povo acima das pretensões pessoas da dynastia.»

Este resto de fé na possibilidade da monarchia continuar a governar nos não tardará a dissipar-se. A desillusão não se fará esperar, e o refugio unico para o caracter leal e franco do em-ciente senador será, como já se deixou entrever, o campo da republica.

E assim...

### Gastão d'Orleans

Anda pelo norte o Conde d'Eu. Não desembarcou nesta cidade, como n principio se supunha. Quando se fallava em recebe-lo, notava-se mais que frieza, verdadeiro contrangimento; quasi todos se convencião de que seria rebaixar-nos festejar quem nada nos merece, só por ser marido da filha do Imperador.

É necessario fallar unicamente á dignidade do povo; poupar a opinião, abatida por condescendencias ante patricias, ao papel pouco digno de fingir applausos que o coração não sente e que o espirito repelle.

Porque este servelismo ante um personagem extranho e antipathico? Que nos merece este homem egotista, em cuja alma não há logar para o sentimento desinteressado de amor da patria?

Elle tem vivido nesta terra a enthousourar enormes esbadaes que manda guardar na Europa, para o que der o vier, aguardando o dia de nos ver abatidos a seus pés, como subditos, nós os brasileiros que lhe damos tudo sem lhe devermos nada.

O que se espera de bom do Conde d'Eu, o consorte detestado da futura Imperatriz? Onde e como fez elle juz á minima parcella da gração d'este povo?

Vem mostrar-se, vem ver se o norte pobre e abatido tira umas migalhas de adhesão ao 3º reinado, que todos esperão como uma calamidade e um desastre. Fareja a morte ou a demencia do velho Imperador, e vem espreitar os alliceres que poderá ter o throno da mulher. Nas almas sãs só pode achar repulsa.

Estrangeiro pobre e obscuro, o seaso fortuito de um casamento de encomenda [uma cousa odiosa que desnatura o acto mais sagrado e solenne da existencia da familia] transformou-o de repente n'um archi-milionario, insaciavel accumulador de riquezas. Mas isto não basta; falta-lhe o throno, a corôa para a consorte, os filhos, os netos, muitas gerações de imperadores, que a natureza prodiga está encarregada de mandar ao mundo para felicitar-nos.

Por enquanto anda passando uma vista d'olhos pelos seus futuros dominios septentrionaes e conta que lhe agradeçamos a honra.

Ora isto não é serio, nem decente.

O espirito publico, por isto mesmo que inculto e desorientado, precisa que lhe digão, sem arrebatamentos apaixonados, mas com a calma e segurança da verdade intemerata e pura, estas cousas que lhe podem acudir ao intuito e estímulo da propria dignidade e a

trazida por hábitos apathicos de ac-

O partido republicano é um nobre attestado de que o patriotismo brasileiro ainda não morreo. O instincto da liberdade vai fazendo comprehender de uma maneira clara e simples que o throno não nos serve de nada, sendo alem de inutil prejudicial e sobretudo carissimo.

Não nos estamos contorcendo em odios e rancores; achamos naturalmente que basta de sermos explorados.

Obrigado á dynastia pelos seus bons serviços; mas a nação acha quem faça por menos e melhor.

Este bom povo, tão amante da paz, tão pouco amigo de convulsões revolucionarias, assiste satisfeito ao dissolver da ideia monarchica, e conta de certo que isto ha de acabar em pouco tempo.

Realmente a funta imperante que começou dizendo que ficava no Brazil a pedido, podia dizer, parodiando o 9 de janeiro:

—Se é para bem de todos e felicidade geral da nação, digão ao povo que vamos embora. Sem cerimoniação felizes q' nós vamos lhem tratar da nossa vida o melhor que pudermos, sahores das nossas vontades e dos nossos destinos.

O Sr. Conde d'Eu não pense que levará do norte grandes sympathias e adhesões.

Esta terra é de gente pobre porém honrada e activa; uns miseros agricultores que o paternal governo de seu illustre sogro tem permitto vegetar n'uma penuria lastimavel, sem protecção nem acrimo.

Nós não lhe queremos dizer cousas retumbantes e tribunicias; estamos infamados do que viu S. A.; sabemos que esteve no perigoso ataque de Perribery, que tem muitos milhões na Inglaterra, muitas terras no sul, muitos corações no Rio de Janeiro, que é surdo e economico.

Pois sim, mas deixe-nos.

Temos fome e secca e não lhe pedimos nada; agora também fazer de multidão entusiasta e delirante para acclamar-o é duro de tragar.

O principe consorte é um francez rebezado, que a França republicana repudia, como membro de uma familia que conspira, esperando um ensejo qualquer para empolgar a grande presa. Creemos que, para honra da humanidade, a patria immortal dos heróis da 89 não sofrerá este eclipse em sua marcha triumphal, como a primeira das nações civilizadas.

O imperial viajante é a encarnação de todo o velho passado decrepito, incompativel com as tendencias livres do povo.

Felizmente o Brazil vai conhecendo que o throno é uma instituição caduca, inútil e defasta; isto, com a velha figura do imperador que nos acostumou 50 annos à sujeição da sua vontade; com o terceiro reinado o povo conhecerá da melhor quanto é admoço e regido que nós optamos, forçado governar.

cao os sentimentos da cidade e da cortezaniam interesseira, tinha de ver a livre vontade popular manifestar-se contra a sua existencia, mais depressa e mais energicamente do que o fez contra a escravidão.

Dizem que o futuro imperador conta com o exercito. Seria bello ver um estrangeiro mandar espingardiar o povo brasileiro por soldados seus irmãos!

Sr. conde, o exercito não é guarda negra, tem o que perder e o que zelar; —a sua dignidade, é outra couza ainda mais alta e mais sagrada— a honra da nação.

### CHEFIA REPUBLICANA

Pouco tem rendido aos detractores da propaganda republicana insinuarem que nos nossos arraias lavrão desavenças e discordias que compromettem a victoria da grande ideia que todas defendemos.

Diante do inimigo commun— a monarchia— todas os esforços se unem e se congregam em torno do mesmo principio. Modalidades de processo, pontos de vista das milhentas sobre a orientação sociologica do governo republicano, nada disso quebra a harmonia e o accordo em que estamos todos, de levar a consciencia publica à convicção de

que o imperio é o mal, e o 3º reinado sobretudo uma calamidade grande e funestissima para a nossa civilização e para a nossa honra.

O denodado agitador Silva Jardim é a encarnação mais desassombrada e altiva do amor da patria. Sem a sua heroica propaganda as victorias que a nossa causa tem conquistado na opinião seriam certamente menos numerosas e mais lentas. Elle é hoje sem contestação o maior bememerito da sublime cruzada.

Mas o chefe eleito, Quintino Bocayuva, se não tem as ardentes communicativas e arrebatadoras da do ouzado tribuna, está longo de merecer a mais leve sombra de suspeita sobre a sua dedicação e a sua lealdade.

Nós quizeramos, é verdade, que elle, com as suas excepcionaes aptidões de jornalista doutrinador, fosse, em vez do escriptor neutro do «Paiz», o nosso porta-voz, o nosso propagandista na imprensa, porém nosso, somente nosso; e este será afinal e proximo o resultado.

Em todo caso, apesar de estar todo o homem publico sujeito muitas vezes

estas exigências

obedecendo aos destinos que lhe impõe a sua organização intellectual e affectiva.

Nós admiramos Jardim, respeitamos Quintino. A republica precisa de ambos, ambos lhe pertencem.

No supposto conflicto que se pretende explorar agrada nos particularmente o modo de encarar a questão, exposto pelo sympathico e talentoso patriota Dr. Sampaio Ferraz; o seu alvitre nos parece o melhor para ser seguido por aquelles que não podem nem querem desviar suas attensões, nem desperdiçar suas forças fora do campo de honra em que todos juramos bandeira— a libertação da patria do jugo nefasto do throno.

A visita de Silva Jardim será para nós o motivo de um justo e grande regosijo; a vinda do Quintino Bocayuva seria para nós igualmente um dia de festa.

N'uma palavra— unamo-nos e laboremos.

### REUNIÃO REPUBLICANA

Em nome do Directorio Republicano da Provincia, convidamos a todos os nossos correligionarios, quer da Capital, quer do interior, a se reunirem no domingo, 13 do corrente, na residencia do cidadão João Avelino, no largo do Bom Jesus, Bairro da Ribeira.

Nesta reunião devemos tratar e resolver sobre assumptos de importancia e urgencia para o bom andamento e progressos da propaganda democratica, e especialmente proceder à eleição de candidatos que o partido apresentará proximas eleições gerais.

Quaesquer que sejam as nossas forças, por pequenas e limitadas que sejam os nossos recursos, a nossa honra impõe o dever de afirmar solemnemente as nossas convicções em todos os terrenos.

Isto será ao mesmo tempo o cumprimento de um dever e um completo desmentido aos que duvidão.

Natal, 1º de Julho de 1889.

DR. PEDRO VELHO

### ULTIMA HORA SILVA JARDIM

Quasi a entrar para o prelo o nosso periodico, tivemos de sacrificar materia ja composta para inserir cheios de justo regosijo as seguintes noticias referentes a viagem de propaganda que trouxe ao norte o infatigavel e denodado tribuna Silva Jardim.

—Na Bahia, na occasião em que mizeram capangas da guarda-negra apedrejarem a Escola de Medicina, o templo augusto da nobre sciencia em que o homem tem de cultivar os seus sagrados sentimentos de philantropia e caridade, o director da faculdade—Conselheiro Raimundo Monteiro, o Conselheiro Cerqueira Pinto e o Dr. Cerqueira Pinto Filho ambos leites, e o Augusto de Freitas tigno 1º promotor publico pronunciaram brillantes discursos para animar a nossa vibrante e entusiastica oradores unanimes em Conciliar a Academia e não abandonar as suas creanças.

O generoso povo bahiano não cessa de lutar contra a indignidade que ouzou cometer em quella terra hospitaleira a guarda-negra, tentado agredir ao dr. Silva Jardim, legitimo representante da verdadeira aspiração nacional.

Muitos negociantes adheriram ao partido publicano como condemnação daquelles tufões procedimento.

Os estudantes destituiram de paranypho o Conselheiro Souto, professor da Faculdade e eleito presidente de provincia, nomeando o sympathico e illustrado dr. Virgilio Damazio, que em quella triste jornada nem um so instante abandonou Silva Jardim.

—Em Pernambuco a chegada do heroico propagandista foi a mais solenne affirmacão da dos allivos decedentes dos patriotas de 17 e conservap no coração—inteiro e immorredor o indomavel amor da liberdade.

Nada mais espontaneo e sympathico do que o acolhimento entusiasta que os pernambucanos fizeram ao imparido balalhador.

A patria saca emfim da lethargia do despotismo para abrir os olhos á luz redemptora da publico.

Soaram os tempos de nossa regeneração social.

—Terminaremos transcrevendo o telegrama seguinte que não carece comentarios:

«Rio, 18 de Junho ás 4 hs. e 40 m da tarde.

Hontem apresentou o coronel Cunha Mattos no club militar uma moção, propondo ao exercito tomar um compromisso de defender as instituições em qualquer emergencia.

Esta moção foi recusada por grande maioria.

O visconde de Pelotas fellou á sessão alirgando dorça.

Houve muitas abstenções.

O povo pode abraçar o mldado seu irmão exercito brasileiro não é uma cohorte de janizarios; é o defensor da honra nacional.

025

# A REPUBLICA

BIBLIOT

INSTITUTO HISTÓRICO  
do Rio Grande

ORGAM DO PARTIDO REPUBLICANO

Redactor-chefe— Pr. Pedro Velho

ASSIGNATURAS  
ra dentro da provincia por  
na— 5:000rs. Para fora Ga.

Toda a correspondencia  
ser dirigida a rua de  
de de Uruguay n. 5

Instituto

Serv. de  
Viscon  
Grande

Natal—Segunda-feira. 1.º de Julho de 1898

A REPUB

PELA R

A Republica  
cional ou anti-mon  
a, tem por missao  
propagar as ideias  
petisa. Entretanto  
s armas da razão, v  
ra a realza corrup  
ão dos fará esquecer  
ades e os males dest  
a dizel-os sincera e  
s comprovacionas ;  
e grande estimulo  
nirito publico que  
ão tem procurado esc  
ando-o de preconceito  
iosas influencias. Cada  
os ne. É rio que conhe  
eus direitos.

Havemos de fazer de  
colunas não o vehicul  
dios, mas a tribuna  
tenha pensar alto, para  
gado pelo povo.

Atavéz da forma  
a phrase mais tosca  
empre transparecer  
o destino unico e  
feitez das justas  
e um futuro  
mbuo qu  
escenro  
ra pro

Arde  
es ; m  
ante, v  
e não ali  
o caracter, e isto nos aienta.

A causa sagrada da patria brasileira.  
entrahado amor pelo pobre mas es  
meccido terrão que nos servio de ber  
cio o nosso programma ; aquella nós

Aos Professores e Alunos da Rede Municipal de Ensino:

Os cem anos da proclamação da República estão sendo comemorados em todo o Brasil.

O Rio Grande do Norte tem motivos especiais para se associar a estas festividades, pois, aqui, a República amanheceu mais cedo. Desde 1817 e 1824 — para citar, apenas, as datas principais — que os potiguares ensaiavam formas de governo republicano. E mais: em plena Monarquia, em Natal, circulou o jornal "A República", que mais tarde seria o órgão oficial do Estado.

A Secretaria Municipal de Educação de Natal propõe que a Proclamação da República seja comemorada não apenas com festas, mas, também, com estudo. Assim, coloca em mãos de professores e de alunos o primeiro número do jornal "A República" — aquele que circulou quando o governo do país ainda era a Monarquia.

A História se faz com documentos. Por isso estamos entregando às escolas públicas da rede municipal de ensino, para estudo, um dos documentos que é marco na história republicana brasileira.

Com este documento em mãos, professores e alunos têm uma motivação de reforço para o estudo das instituições republicanas entre nós. Este é o grande objetivo desta Secretaria de Educação ao reeditar o primeiro número de "A República".

Concurso e Exposições — cujas normas publicamos aqui — documentarão o nosso estudo escolar.

Aí, então, faremos a festa do nosso saber sobre a República.

Natal (RN), maio de 1989.

Moacyr de Góes  
Secretário Municipal de  
Educação

aldade que o caracteriza, o que pensava  
da situação.

O resultado de toda esta contradansa,  
seria acinza serra abaixo, e estar hoje  
no poleiro o Sr. Visconde de Ouro Pre-

brez libertos inconscientes, saludos de  
captivo com a alma ainda ensombra  
da pela ignorancia deprimente das sen  
zalas, o peito de seus verdadeiros liber  
tadores para que lhes fizessem um

corão,  
do o  
ão é  
me-  
s niu-  
vancia.  
a que foi elevado o sr.  
a pelos senadores seos  
as uma pirraça, um ex-  
Alfredo; nem era pre-  
pressar a queda inevi-  
ministerio; bastava a  
bo delle.

almente não deo con-  
io desprestigiado, e

sob o falso presti-  
olado pelo bitho  
maio. Em verda-

servil, o micia-  
torio até o lo-  
as carnes como  
ada enxotou-o.

ente de conse-  
tinha pulso  
xarão paten-  
omo o faria  
o; o que era  
xarde fazel-a.

, nos outros,  
da. A ultima  
os, ja não foi

o João Alfredo  
mento republi-  
anteria inepta do  
terminou na mais

stituições — a guarda  
que se apontava aos po-  
bres libertos inconscientes, saludos de  
captivo com a alma ainda ensombra  
da pela ignorancia deprimente das sen  
zalas, o peito de seus verdadeiros liber  
tadores para que lhes fizessem um

o João Alfredo  
mento republi-  
anteria inepta do  
terminou na mais

stituições — a guarda  
que se apontava aos po-  
bres libertos inconscientes, saludos de  
captivo com a alma ainda ensombra  
da pela ignorancia deprimente das sen  
zalas, o peito de seus verdadeiros liber  
tadores para que lhes fizessem um

o João Alfredo  
mento republi-  
anteria inepta do  
terminou na mais

stituições — a guarda  
que se apontava aos po-  
bres libertos inconscientes, saludos de  
captivo com a alma ainda ensombra  
da pela ignorancia deprimente das sen  
zalas, o peito de seus verdadeiros liber  
tadores para que lhes fizessem um

# HA CEM ANOS PASSADOS...

Cláudio Galvão  
(da UFRN e do Instituto Histórico  
e Geográfico do R. G. Norte)

O Jornal "A República" completa hoje, 1º de julho de 1989, cem anos de existência. Um aniversário triste e vazio pela ausência do aniversariante. Lamentavelmente, motivos diversos impuseram ao antigo jornal um indesejável silêncio que desrespeita o seu passado, agride a sua história e ultraja a sua tradição de luta política e de divulgação cultural.

A República não foi, entretanto, o primeiro jornal do estado. Em 1832 o padre Francisco de Brito Guerra, deputado e, depois, Senador do Império, fazia editar "O Natalense", que mandava imprimir no Maranhão, Pernambuco e Ceará, porque no Rio Grande do Norte não havia sequer um prelo. A matéria escrita saía daqui quando passava um dos lentos navios que a levava até aquelas províncias distantes, de onde voltava em forma de jornal, porém já desatualizado pelo tempo gasto nas viagens.

Era necessário, portanto, que a edição fosse feita aqui mesmo, o que tornaria possível a novidade da notícia. Assim, um grupo de entusiastas resolveu criar uma sociedade anônima que conseguiu um capital suficiente para comprar um prelo no Recife e mandar buscar um técnico no Rio de Janeiro para se responsabilizar pela composição tipográfica do jornal. A 2 de setembro do mesmo ano, estava montada a "Typographia Natalense". Os responsáveis pela iniciativa foram Basílio Quaresma Torreão (que foi Presidente da Província do RN de 31 de julho de 1833 a 1º de maio de 1836 — o Presidente Quaresma, que tem uma rua com seu nome no Alecrim) e ainda os cidadãos José Fernandes Carrilho e Urbano Ermilo da Silva Costa. O nosso primeiro jornal circulou apenas durante cinco anos.

A iniciativa da criação de A República se deve ao Dr. Pedro Velho de Albuquerque Maranhão.

O Dr. Pedro Velho nasceu em Natal, a 27 de novembro de 1856. Estudou medicina na Bahia e no Rio de Janeiro, onde se formou em 1881. Voltando a Natal, exerceu os cargos de Inspetor da Saúde Pública, professor de História do Atheneu, participou e liderou o movimento abolicionista de 1888 e encabeçou o movimento republicano de 1889, quando fundou "A República".

Com a proclamação da República a 15 de novembro, Pedro Velho foi aclamado nosso primeiro Presidente (era o título do governante do Estado, na época). Em dezembro, entregou o governo a Adolfo Afonso da Silva Gordo, nascido em São Paulo que fora nomeado pelo Governo Provisório da República, com sede no Rio de Janeiro. Em 1890 reassumiu o governo, sendo eleito deputado à primeira Constituinte Brasileira. Dois anos depois — 1892 — foi eleito Governador pelo Congresso Legislativo Estadual (a Câmara dos Deputados daquele tempo). Terminando o mandato em março de 1896, Pedro Velho passou o governo ao novo titular eleito, Joaquim Ferreira Chaves e, em março daquele ano é eleito De-

putado Federal e, em dezembro, Senador. Terminando o mandato em 1905 foi reeleito no ano seguinte, para um mandato que terminaria em 1914.

Em dezembro de 1907, já bastante doente, viajou para o Recife em busca de tratamento médico. De lá resolveu-se levá-lo para o Rio de Janeiro. A 9 de dezembro, a bordo do vapor "Brasil", falecia no porto do Recife o grande político nordestri-grandense, responsável pela organização do Estado republicano entre nós.

Antes de criar "A República", Pedro Velho havia tido uma experiência semelhante quando, em 1º de janeiro de 1888 criou a sociedade "Libertadora Norte-riograndense", com o objetivo de promover a libertação dos escravos entre nós. A sessão de fundação da "Libertadora" teve lugar no então Teatro Santa Cruz, que ficava onde hoje se encontra o cinema Nordeste e contou com a participação das pessoas mais ilustres do Estado, tendo como presidente o então vigário da catedral, o padre João Maria Cavalcanti de Brito.

Para melhor divulgar as idéias abolicionistas, nada melhor de que um jornal. Assim, foi criado o "Boletim da Sociedade Libertadora Norte-Riograndense", saindo o primeiro número a 8 de janeiro daquele ano. Apenas nove edições teve aquele jornal que terminou a 20 de maio de 1888. Os raros exemplares que ainda existem estão nas mãos de colecionadores ciumentos e na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Com a libertação dos escravos, uma nova frente de luta se abria aos patriotas: a implantação de um governo republicano que deveria suceder ao já desgastado governo monárquico.

Em Natal, terminada a campanha abolicionista, o jovem médico e professor Pedro Velho, — então com 33 anos de idade — declara-se publicamente, republicano e, a 27 de janeiro de 1889 era o o principal a usar a palavra na primeira reunião para a criação do partido republicano, que se realizou na residência do capitão José Avelino Pereira de Vasconcelos.

Muita gente de prestígio em Natal e no interior participou daquele evento, mas a liderança coube, sem dúvida a Pedro Velho que, lançando as bases do movimento republicano, sugeria a criação de um jornal que noticiasse os fatos relativos ao movimento. Naquela mesma reunião, leu Pedro Velho um vibrante manifesto que foi impresso e distribuído ao público e que está transcrito na revista do Instituto Histórico e Geográfico, volume VI, nº 2, de julho de 1908.

O primeiro número de "A República" saiu com apenas quatro páginas, como se pode ver na edição fac-similar que a Secretaria Municipal de Educação entrega hoje aos estudantes de sua rede escolar. O original media 35 centímetros de altura por 25 de largura. Não era um jornal diário; saía todas as segundas-feiras. Passaria a diário apenas em 1897.

Recebido com alegria pelos que aceitavam as idéias republicanas foi, entretanto, recebido com críticas pelo jornal que defendia o partido Conservador no Estado — a "Gazeta do Natal" — que dizia ser o ideal republicano uma fantasia de sonhadores, argumentando em defesa do regime monárquico e do seu partido político.

Note-se, especialmente, o editorial sob o título de "Pela Pátria", que traz o estilo vigoroso do seu redator-chefe, o Dr. Pedro Velho.

Com a ajuda das informações históricas de que se dispõe, convidamos o jovem estudante natalense de 1989 a realizar uma dessas viagens no tempo como nos filmes de cinema e retroceder a cem anos passados, imaginando como seria a vida na Natal daquele tempo.

A cidade onde hoje vivem cerca de 700 mil habitantes possuía, naquele tempo, cerca de 13 mil moradores, número inferior ao atual bairro da Cidade Satélite, que possui cerca de 16 mil habitantes.

A área da cidade estava restrita aos bairros da Ribeira e Cidade Alta, que eram ligados pela ladeira não calçada — que ficava intransitável durante o período de chuvas — a rua da Cruz, depois rua Conselheiro João Alfredo e, em seguida, Avenida Junqueira Aires.

Os moradores da Cidade Alta — bairro residencial — eram conhecidos como XARIAS e, de vez em quando, entravam em brigas com os moradores da Ribeira, os CANGULEIROS. Na Ribeira ficava a rua mais importante da cidade — a rua do Comércio, hoje rua Chile — onde se situava o Palácio do Governo, instalado ali desde 1969. O velho prédio ainda está lá, esquecido pelas autoridades, à espera de uma boa lembrança que o restaure e lhe devolva à vida que viveu há cem anos, quando por ele passaram os últimos Presidentes da Província do Governo Imperial e onde Pedro Velho assumiu o nosso primeiro governo republicano.

Por aquela rua que hoje mostra apenas velhas oficinas, feios depósitos, fundos de armazéns, transitavam elegantes cidadãos de fraque, colarinho alto e pince-nez, damas de saia balão e sombrinha rendada, meninos em traje de marinheiro.

Para se chegar ou sair de Natal para o interior, o meio mais comum era o cavalo mesmo, ou um trem que já começava a procurar o caminho do sul. Para viagens mais longas tinha-se que esperar a chegada de um navio — um "vapor", como se dizia na época — que ficava ancorado fora da barra à espera de viajantes e bagagens que saíam de barco do cais Pedro de Barros (hoje Tavares de Lira), cruzavam o Potengi para alcançarem o "vapor", enjoados e molhados pelo balanço das ondas.

Para comunicar-se havia o lento correio imperial, que chegava e saía nos navios ou então o telégrafo, funcionando desde 1878.

As coisas mais importantes que a cidade possuía eram suas repartições estaduais e federais. Sua principal escola era o Atheneu, cujo prédio, inaugurado em 1859, foi

desastrosamente demolido para dar lugar à Secretaria Municipal de Finanças. A Capitania dos Portos funcionava desde 1845 e, em 1873 abria-se a Escola de Aprendizes Marinheiros, fechada em 1885, reaberta em 1890 e algumas vezes mais. O quartel federal ficava onde hoje está o Colégio W. Churchill.

Acontecimento importantíssimo em 1888: o "empresário" (não se usava este termo naquele tempo) Jovino Barreto inaugura a Fábrica de Fiação e Tecidos que durante muito tempo foi a única da cidade, com 48 teares, mil e seiscentos fusos e 80 operários. Suas instalações e enorme chaminé ficavam no começo da Junqueira Aires, onde hoje está o prédio da Caixa Econômica Federal.

Para diversão quase nada havia. Por falta de um teatro, as representações teatrais eram feitas em galpões de armazéns da Ribeira e cada um que levasse sua cadeira. Em casa, a família se reunia para recitar versos com fundo musical ao piano (a "Dalila") e cantar modinhas. Os mais ousados faziam serenatas nas ruas, nas noites de lua cheia. O primeiro fonógrafo que apareceu por aqui foi exposto como coisa maravilhosa, em uma casa da rua Frei Miguelinho, em 1895. Música apenas com os músicos da família e com a banda do Corpo Policial.

Imagine-se o alvoroço da cidade quando, a 11 de agosto de 1889, aqui chegou o Conde d'Eu — Gastão de Orleans — casado com a princesa Isabel, que seria a herdeira do trono brasileiro. O Conde se hospedou no Palácio da rua do Comércio e partiu no dia seguinte.

A praia ficava longe demais. Para se chegar à Praia do Morcego, (a atual Praia do Meio) tinha-se que subir e atravessar o "Monte" (Petrópolis) passando por uma densa mata de Pau-Ferro. Uma viagem...

Foi nesse ambiente pequeno e ingênuo que o Dr. Pedro Velho e mais alguns "sonhadores" idealizaram um governo republicano para sua "província" e na manhã daquela segunda-feira, 1º de julho de 1889, fizeram circular o primeiro número de "A República".

Pode-se imaginar a repercussão causada pelo novo jornal que, ao contrário dos outros, pregava uma nova forma de governo. Quantos comentários, elogios, "fococas"... Nas repartições públicas, no comércio, nas ruas, havia sempre alguém com o novo jornal, criticando ou elogiando suas idéias.

No fim do dia, o sol poente avermelhava as águas do Potengi enquanto a escuridão descia lentamente sobre os telhados e os sinos das igrejas chamavam para a prece da Ave-Maria.

E, quando as sombras se espalhavam pelas ruas, surgia a figura do acendedor de lampões. Devagar, de um a um, os lampeões se iluminavam e iluminavam as ruas com sua pálida luz.

Nas casas, depois da ceia, ainda se falava de A República, enquanto se recitavam poesias e cantavam modinhas...

Um pouco mais, a noite tudo calava, acalentando os sonhos da pequena cidade.

# Concurso de Artes Plásticas

## Tema:

# Imaginando e pintando o centenário da República Brasileira

### REGULAMENTO

A SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, através da COORDENADORIA DE ATIVIDADES CULTURAIS, integrando-se às Comemorações do **Centenário da República** (1889/1989), promoverá Concurso de Artes Plásticas sobre o referido tema, envolvendo a clientela de 1ª à 4ª série das Escolas Municipais da Cidade do Natal.

### I - DA MODALIDADE

O Concurso abrangerá uma única categoria - PINTURA - nas suas diversas técnicas: óleo, guache, nanquim, aquarela, lápis cera, hidrocor, lápis de cor e grafite.

### II - DO TEMA

A pintura expressará a imaginação, criatividade e compreensão das crianças sobre os acontecimentos históricos referentes à Proclamação da República.

### III - DOS PARTICIPANTES

O Concurso destina-se aos alunos de 1ª a 4ª série das Escolas Municipais.

O trabalho deverá ser realizado individualmente, no âmbito da escola, sob a orientação dos professores.

### IV - DA APRESENTAÇÃO

Cada participante poderá apresentar, no máximo, 02 (dois) trabalhos em tamanho mínimo de 35x25cm e máximo de 55x35cm.

Cada trabalho deverá con-



**Dr. Pedro Velho**

1856 — 1907

ter, no seu verso, as seguintes informações:

Título

Nome do Aluno

Série/Turma/Número/Turno

Nome da Escola

### V - DA SELEÇÃO

1ª ETAPA - Cada escola, através de uma Comissão Julgadora indicada pelo seu Dire-

tor, composta de 03 (três) membros, fará uma pré-seleção dos trabalhos apresentados, sendo classificados os 03 (três) melhores, os quais, na 2ª etapa, concorrerão com os classificados nas demais escolas.

### VI - DOS PRAZOS

13/06/89 - Instalação das Comissões Julgadoras da SME e das Escolas

28/08/89 - Prazo final para entrega dos trabalhos à Comissão Julgadora da Escola

04/09/89 - Exposição de todos os trabalhos, na própria Escola

18/09/89 - Escolha dos 03 (três) melhores trabalhos pela Comissão Julgadora da Escola

25/09/89 - Entrega dos 03 (três) melhores trabalhos classificados em cada Escola à Comissão Julgadora Central

10/10/89 - Exposição dos trabalhos selecionados pelas Escolas, em local a ser definido

31/10/89 - Julgamento final dos trabalhos

07/11/89 - Solenidade de entrega dos prêmios

### VII - DOS PRÊMIOS

Serão atribuídos os seguintes prêmios:

Ao 1º lugar: 01 (uma) Bicicleta

Ao 2º lugar: 01 (um) Relógio de Boa Qualidade

Ao 3º lugar: 01 (um) Jogo Educativo

### VIII - DAS DISPOSIÇÕES FINAIS

Os casos omissos do presente REGULAMENTO serão resolvidos pela Comissão Julgadora Central.

• ORIGINAL DE "A REPÚBLICA" DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO G. DO NORTE

• MICROFILMADO PELA U.F.R.N.

• FOTO DE IREMAR FOTOGRAFIAS.

# Concurso de Redação

## Tema: Brasil: 100 anos de Republica

### REGULAMENTO

A SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, por intermédio da COORDENADORIA DE ATIVIDADES CULTURAIS, integrando-se às Comemorações do Centenário da República (1889-1989), objetivando estimular o conhecimento e a criatividade através da expressão Literária, promoverá Concurso de Redação sobre o referido tema, envolvendo a clientela de 5ª à 8ª série das Escolas Municipais da Cidade do Natal.

#### I – DA MODALIDADE

O Curso será sob a forma de redação.

#### II – DO TEMA

A redação expressará o conhecimento, a criatividade e compreensão dos alunos sobre os acontecimentos históricos referentes aos 100 (cem) anos da República.

#### III – DOS PARTICIPANTES

O Concurso destina-se aos

alunos de 5ª à 8ª série das Escolas Municipais da Cidade do Natal.

Cada candidato concorrerá somente com um trabalho.

A redação deverá ser realizada individualmente, sob a orientação dos professores.

#### IV – DA APRESENTAÇÃO

A redação será apresentada em um mínimo de 30 linhas e um máximo de 60, devendo conter:

- Título
- Nome do Aluno
- Série/Turma/Número/Turno
- Nome da Escola

#### V – DAS INSCRIÇÕES

O aluno deverá inscrever-se na Secretaria da sua Escola, até o dia 11 de agosto de 1989.

#### VI – DA SELEÇÃO

1ª ETAPA – Cada escola, através de uma Comissão Julgadora indicada pelo seu Diretor, composta de 03 (três) membros, fará uma pré-sele-

ção dos trabalhos apresentados, sendo classificados os 03 (três) melhores, os quais, na 2ª etapa, concorrerão com os classificados nas demais escolas.

2ª ETAPA – Julgamento, por uma Comissão Central composta de 05 (cinco) membros, previamente designada pelo Secretário de Educação, com vistas a escolher os 03 (três) melhores trabalhos apresentados pelas diversas Escolas e consequente classificação em 1º, 2º e 3º lugares, respectivamente.

#### VII – DOS PRAZOS

13/06/89 – Instalação das Comissões Julgadoras da SME e das Escolas

28/08/89 – Prazo final para entrega dos trabalhos à Comissão Julgadora da Escola

04/09/89 – Exposição de todos os trabalhos, na própria Escola

18/09/89 – Escolha dos 03 (três) melhores trabalhos pela Comissão Julgadora da Escola

25/09/89 – Entrega dos 03

(três) melhores trabalhos classificados em cada Escola à Comissão Julgadora Central

10/10/89 – Exposição dos trabalhos selecionados pelas Escolas, em local a ser definido

31/10/89 – Julgamento final dos trabalhos

07/11/89 – Solenidade de entrega dos prêmios

#### VIII – DOS PRÊMIOS

Serão atribuídos os seguintes prêmios:

Ao 1º lugar: 01 (uma) Bicicleta

Ao 2º lugar: 01 (um) Relógio de Boa Qualidade

Ao 3º lugar: 01 (um) Jogo Educativo

#### IX – DAS DISPOSIÇÕES FINAIS

Os casos omissos do presente REGULAMENTO serão resolvidos pela Comissão Julgadora Central.



PREFEITURA MUNICIPAL DO NATAL  
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO  
COORDENADORIA DE ATIVIDADES CULTURAIS

TRANSPARÊNCIA  
E  
PARTICIPAÇÃO

GOVERNO: Wilma Maia

SECRETÁRIO DE EDUCAÇÃO: Moacyr de Góes

APOIO: Universidade Federal do Rio Grande do Norte / Instituto Histórico e Geográfico do Rio G. do Norte

044